



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

ANA MANUELLY CARDOSO RODRIGUES
LUANA SILVA RODRIGUES

**AS PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA EM ALUNOS COM
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): UM ESTUDO
ABORDANDO DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

ABAETETUBA-PARÁ

2025

**ANA MANUELLY CARDOSO RODRIGUES
LUANA SILVA RODRIGUES**

**AS PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA EM ALUNOS COM
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): UM ESTUDO
ABORDANDO DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação de Letras, da Faculdade de Ciências da Linguagem, Campus Universitário de Abaetetuba, Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Bruno Cavalcante.

ABAETETUBA-PA

2025

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

R696p Rodrigues, Ana Manuely Cardoso.
As práticas de leitura e escrita em alunos com transtorno do espectro autista (tea): um estudo abordando desafios e perspectivas da educação inclusiva / Ana Manuely Cardoso Rodrigues, Luana Silva Rodrigues. — 2025.
29 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Antônio Bruno Cavalcante
Trabalho de Conclusão (Graduação) - Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de Língua Portuguesa, Abaetetuba, 2025.

1. Desafios. 2. Escrita. 3. Leitura. 4. Transtorno do Espectro Autista (TEA). I. Rodrigues, Luana Silva. II. Título.

CDD 370

**ANA MANUELLY CARDOSO RODRIGUES
LUANA SILVA RODRIGUES**

**AS PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA EM ALUNOS COM
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): UM ESTUDO
ABORDANDO DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação de Letras, da Faculdade de Ciências da Linguagem, Campus Universitário de Abaetetuba, Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Bruno Cavalcante.

Defesa em: _____ / _____ / _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Bruno Cavalcante

(UFPA/Campus Abaetetuba) – Presidente - Orientador

Prof. Dr. Robson Rua

(UFPA/Campus Abaetetuba) – Membro Examinador

ABAETETUBA-PA

2025

AS PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA EM ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): UM ESTUDO ABORDANDO DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Resumo:

Este artigo aborda a prática de leitura e escrita em alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), por meio de um estudo direcionado aos desafios e às perspectivas da educação inclusiva. O objetivo principal foi analisar e compreender as dificuldades enfrentadas por alunos atípicos no processo de leitura e escrita, especialmente aqueles que já se encontram no Ensino Fundamental. O locus da pesquisa foi uma escola estadual da rede pública de ensino. Como instrumento de coleta de dados, foi realizada uma entrevista semiestruturada com discentes da instituição, além de alunos diagnosticados com TEA, público-alvo deste trabalho. Com base nos dados obtidos e nos estudos analisados, foi possível concluir que, apesar dos desafios, alunos atípicos são capazes de desenvolver a leitura e a escrita por meio de métodos adequados, utilizando essas habilidades para se integrar socialmente e participar da vida em sociedade.

Palavra Chave: Desafios, Escrita, Leitura, Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Abstract:

This article addresses the practice of reading and writing in students with Autism Spectrum Disorder (ASD), through a study focused on the challenges and perspectives of inclusive education. The main objective was to analyze and understand the difficulties faced by atypical students in the process of reading and writing, especially those already in Elementary School. The research locus was a state public school. As a data collection instrument, a semi-structured interview was conducted with students from the institution, including those diagnosed with ASD, the target audience of this study. Based on the data obtained and the studies analyzed, it was possible to conclude that, despite the challenges, atypical students are capable of developing reading and writing through appropriate methods, using these skills to integrate socially and participate in community life.

Keywords: Challenges, Writing, Reading, Autism Spectrum Disorder (ASD).

Sumário

1. INTRODUÇÃO	6
2. REFERENCIAL TEÓRICO	7
2.1. Transtorno do Espectro Autista (TEA): Características, Diagnóstico, Causas e Possibilidades de Tratamento	9
3. O PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA EM ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO	13
3.1. Métodos de Leitura para alunos com autismo	16
3.2. Métodos de Escrita para alunos com autismo	16
4. METODOLOGIA	18
5. PESQUISA QUALITATIVA: INVESTIGANDO AS PRATICAS DE LEITURA E ESCRITA NA ESCOLA	20
5.1. Captando a Voz do Público-Alvo	23
6. CONCLUSÃO	27
REFERÊNCIAS	29

1. INTRODUÇÃO

Este artigo surgiu a partir de uma pesquisa de abordagem qualitativa, que possibilitou observar de forma geral os processos envolvidos na aquisição das habilidades de leitura e escrita de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), no ambiente escolar. A pesquisa tem como objetivo geral: Analisar as práticas de Leitura e Escrita em discentes com TEA e como ocorre esse ensino, especialmente em uma escola da rede pública. Tendo como objetivos específicos: a) Reconhecer os principais desafios no processo de leitura e escrita dos discentes com autismo, b) Compreender o conceito de autismo para um melhor desenvolvimento da prática docente, e como esse diagnóstico precoce vem auxiliando no desenvolvimento social em alunos de rede pública, c) Apresentar métodos reflexivos que venham contribuir com o processo de alfabetização de alunos atípicos.

A investigação acerca das práticas de leitura e escrita direcionadas a estudantes com autismo revela-se significativa frente aos desafios da educação inclusiva no Brasil. O estudo busca conhecer as nuances dos processos envolvidos na aquisição das habilidades básicas de alunos com TEA, realizando uma análise tanto das perspectivas quanto aos desafios enfrentados pelos docentes no ensino das habilidades dessas competências linguísticas. Buscando explorar como ocorre esses processos após o diagnóstico, considerando as adaptações pedagógicas necessárias e importantes para garantir uma educação inclusiva e eficaz.

As habilidades de leitura e escrita são atividades de suma importância para a vida de todo ser humano, pois contribuem significativamente para o aprendizado e permitem o desenvolvimento de habilidades essenciais à participação nas práticas sociais. Esses processos devem ser estimulados e adaptados conforme a realidade de cada aluno, sobretudo de um discente autista, no qual o uso adequado irá possibilitar o processo de aprender o alfabeto, as letras e os sons das palavras, e também ir além, envolvendo o uso dessas habilidades no seu dia a dia, permitindo que o aluno interaja com a sociedade ao seu redor e compreenda sua realidade. Sendo assim, Soares destaca onde inserir o uso dessas práticas:

[...] para informar-se, para interagir com outros, para imergir no imaginário, no estético, para ampliar conhecimentos, para seduzir ou induzir, para divertir--se, para orientar-se, para dar apoio à memória etc.; habilidades de interpretar e produzir tipos de gêneros de textos; habilidade de orientar-se pelas convenções de leitura que marcam o texto ou de lançar mão dessas convenções ao escrever; atitudes de inserção efetiva ao mundo da escrita, tendo interesse em ler e escrever, sabendo utilizar a escrita para encontrar ou fornecer informação e conhecimentos, escrevendo ou lendo de forma diferenciada segundo as circunstâncias, os objetivos, o interlocutor [...]. (SOARES, 2020, p. 27).

Assim, um dos maiores desafios da atualidade é garantir uma educação de qualidade para todos os alunos; os estudantes com Transtorno do Espectro Autista enfrentam obstáculos significativos tanto no ambiente escolar quanto social, dificultando sua inclusão plena. Nas escolas públicas, muitas vezes, a infraestrutura não é adequada para receber esses alunos de maneira eficiente. Para que esses estudantes consigam desenvolver suas habilidades de forma plena, é fundamental contar com uma rede de apoio bem estruturada, composta por profissionais capacitados e recursos adequados que favoreçam seu aprendizado e integração no ambiente escolar.

Em resumo, alfabetizar uma criança com TEA pode parecer algo muito difícil, mas com abordagens corretas e técnicas adequadas é totalmente possível superar essas dificuldades e alfabetizá-la. Quando falamos nas abordagens de leitura e escrita em alunos atípicos, sabemos que existem especificidades que exigem planos individualizados e com a ajuda de profissionais de atendimento especializados, juntamente com a colaboração entre escola e família conseguimos identificar quais são os desafios e as principais abordagens que podem ser aplicadas para garantir um bom desenvolvimento escolar.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Esse tópico inicialmente focaliza na parte teórica sobre a leitura e a escrita em âmbito educacional, dessa forma alguns aspectos considerados de suma importância para a obtenção dessas habilidades são colocados em evidência e é colocado especificamente à margem desse estudo a leitura e escrita em alunos com TEA.

Ao longo das décadas, o autismo passou de uma condição pouco compreendida, frequentemente associada a mitos e estigmas, para um transtorno reconhecido dentro de um espectro amplo, que envolve diferentes níveis de comprometimento e habilidades. A vivência histórica do Transtorno do Espectro Autista (TEA) é marcada por desafios, preconceitos, descobertas e avanços. Compreender como a sociedade se relacionou com o autismo ao longo do tempo é essencial para refletir sobre a importância da inclusão, da empatia e da valorização da neurodiversidade nos dias de hoje.

A leitura e a escrita são processos essenciais para todo o ser humano se comunicar e conviver em sociedade, de acordo com os estudos de Soares (2020, p.27), “[...] uso da escrita para inserir-se nas práticas sociais e pessoais que envolvem a língua escrita, o que implica habilidades vitais, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos [...]”. Sendo assim, a capacidade de ler e escrever é uma atividade fundamental não somente

para se comunicar em diferentes espaços, mas também para se integrar em ambientes e contextos, proporcionando sua ativa participativa em âmbito social.

A inclusão de alunos com TEA ou com qualquer tipo de necessidade especial é uma tarefa não somente do professor como também de todo grupo escolar e da sociedade em geral. Vivenciar a experiência de trabalhar com alunos portadores de TEA é entender que os aprendizados são diários e a partir dessa vivência poder visualizar quais os valores que cabem ser integrados ao nosso redor e em nossa vivência. Conforme Beyer:

Para que o atendimento escolar de alunos com deficiência seja possível no ensino regular, deve haver a tomada de consciência e a disposição de participação no processo por parte dos vários sujeitos envolvidos. (BEYER, 2013, p.66)

O foco se direciona especificamente para os desafios e particularidades enfrentados por alunos com autismo no processo de leitura e escrita, e como esses processos podem ocorrer de forma inclusiva.

De acordo com Brites e Brites:

Existem vários tipos de inclusão, mas cabe aqui ressaltar dois: a escolar e a social. A escolar deve direcionar ações para a assimilação de regras e rotinas, para o engajamento acadêmico nos processos que envolvem leitura, escrita e matemática, para o cumprimento de atividades que exigem prazo, método e prática compartilhada. (BRITES E BRITES, 2019, p.166).

Portanto, a escola torna-se fundamental nesse início da vivência do aluno em sociedade, pois é a partir dela que ele começará a ter contato com uma rotina diferente e o possibilitará uma gama de novas experiências e conhecimentos, sendo assim a inclusão escolar não é algo meramente ligado a apenas garantir o acesso do aluno ao ensino, mas principalmente buscar a equidade e a formas e métodos de integrar a todos os alunos sem distinção.

[...] a alfabetização não é um jogo de palavras, é a consciência reflexiva da cultura, a reconstrução crítica do mundo humano crítica do mundo humano, a abertura de novos caminhos, o projeto histórico de um mundo comum, a bravura de dizer a sua palavra. (FREIRE, 2023, p.29)

Deste modo, a citação de Paulo Freire destaca que o processo de leitura e escrita vai muito além de decodificar letras e sons; mas reflete muito a forma do indivíduo se expressar, de explorar novas ideias e métodos, possibilitando o pensamento crítico do aluno. Portanto, a alfabetização para alunos autistas vai além de uma grade curricular da escola, ela tem que ser

pensada, adaptada e desenvolvida de modo a proporcionar conhecimentos que sejam levados para a vida do aluno.

De acordo com os estudos de Cunha (2019, p.90), “Para a escola realizar uma educação adequada, deverá ao incluir o educando no meio escolar, incluir também a sua família nos espaços de atenção e atuação psicopedagógica”. A participação ativa da família no processo educacional proporciona uma rede de apoio maior ao aluno, o deixando mais seguro emocionalmente, essa colaboração integral entre escola e família faz com que o aluno consiga superar os desafios e seja possível então identificar com clareza métodos que possam colaborar para o desenvolvimento contínuo e integral do discente.

2.1. Transtorno do Espectro Autista (TEA): Características, Diagnóstico, Causas e Possibilidades de Tratamento

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem uma história ao longo dos anos marcada por inúmeras alterações tanto na classificações ao longo do tempo quanto também em seus métodos de diagnósticos. Desde os primeiros contatos e descrições do autismo, realizadas em 1943 pelo médico austríaco Leo Kanner, foram descobertas novas características específicas em cada década. Ademais a fim de apresentar o TEA nesta pesquisa, recorreu-se a materiais principais do Ministério da Saúde do Brasil, que fornecem dados precisos e indispensáveis para este estudo.

Segundo o Ministério da Saúde, o Transtorno de Espectro Autista (TEA) engloba diferentes condições marcadas por perturbações do desenvolvimento neurológico, todas relacionadas com dificuldade no relacionamento social. O Ministério da Saúde põe em foco que os sinais do neurodesenvolvimento da criança podem ser observados nos primeiros meses, com a diagnose estabelecida por volta dos 2 a 3 anos de idade. A prevalência do distúrbio é mais preexistente no sexo masculino (Brasil, 2022). Logo, se o diagnóstico ocorrer cedo e existir a investigação de atrasos no desenvolvimento da criança, ela poderá ser encaminhada para as mediações comportamentais e apoio educacional especializado. Portanto, por ser uma patologia o TEA manifesta algumas peculiaridades a qual o leva a ter um diagnóstico mais tardio. Gaiato aborda a seguinte análise:

O TEA, ou simplesmente autismo, é um transtorno do neurodesenvolvimento. Isso significa que algumas funções neurológicas não se desenvolvem como deveriam nas respectivas áreas cerebrais das pessoas acometidas por ele. É uma condição complexa, e muitos fatores contribuem para o risco. (GAIATO, 2018, p.18)

Assim, se a diagnose acontecer cedo e possibilita a análise dos atrasos no desenvolvimento da criança, ela pode ser encaminhada para as intervenções comportamentais e apoio educacional especializado favorecendo seu tratamento e posterior adaptação em contexto escolar e social. Antes do autismo ser identificado como uma condição específica, muitas pessoas que hoje seriam reconhecidas como autistas eram tratadas de forma injusta e desumana. Em séculos passados, os comportamentos atípicos que a criança apresentava eram vistos como sinais de loucura, possessão ou uma deficiência existente. Essa forma de pensamento levava muitos dos acometidos ao isolamento ou à internação em instituições psiquiátricas, onde não havia compreensão nem tratamento adequado.

Foi somente na década de 1940, que o autismo começou a ser estudado por Leo Kanner como um quadro clínico específico. De acordo com estudos de um dos pioneiros e principais autores nas menções sobre a temática do autismo, foi possível observar o comportamento atípico dessas crianças acometidas em diferentes ambientes. A partir dos estudos de Kanner, surgiram inúmeras pesquisas sobre o Autismo e o que poderia ser a principal causa, porém sem muito sucesso, assim surgiram ainda mais questionamentos e dúvidas sobre um tema que na época ainda era pouco conhecido, chegando a ser associado a questões familiares, ou seja, originado por relações de pouca afetividade entre membros da família e dessa forma os pais seriam os responsáveis e causadores desse comportamento atípico.

No início dos anos 60, em decorrência das inúmeras evidências que começaram a surgir em torno do mundo todo despontaram novos estudos sobre a temática, a partir dessas pesquisas foi identificado que o autismo seria ocasionado por um transtorno cerebral surgido desde a infância e sem a interferência de lugar, família ou situação econômica dos seus acometidos. Outro fator importante de se ressaltar nos estudos sobre o Autismo, ocorreu na década de 1970, onde a psiquiatra inglesa Lorna Wing propôs ver o autismo como um espectro de condições, com diferentes níveis, pois cada pessoa apresenta dificuldades específicas que são únicas de cada um, outro fator consideravelmente importante ocorreu no ano de 2007, quando a ONU anunciou o dia Mundial de Conscientização sobre o Autismo, criado com o intuito de promover e disseminar conhecimento sobre o tema e proporcionando espaços dialógicos entre familiares, profissionais de saúde mental e pessoas com autismo, estimulando a sociedade a refletir de forma produtiva, acolhedora e inclusiva sobre a temática

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) acomete de forma significativa a comunicação, a fala e o comportamento, sendo de extrema importância compreender seu diagnóstico, suas causas, principais sintomas, tratamentos adequados, acompanhamentos especializados e

principalmente os direitos que eles possuem, para assim poder garantir uma abordagem inclusiva e adequada de forma a suprir às necessidades dos indivíduos e de suas famílias. O diagnóstico do TEA é uma tarefa multidisciplinar que envolve diferentes setores, pois exige uma abordagem clínica (terapia ocupacional, fonoaudiólogo, psicólogo e psicopedagogo), envolvendo a observação comportamental do indivíduo, uma análise do desenvolvimento e avaliação por profissionais especializados. O diagnóstico definitivo é realizado por neurologistas ou psiquiatras, apoiando-se em três documentos normativos que organizam e classificam as condições de saúde, incluindo disfunções orgânicas, doenças e transtornos mentais. Esses documentos são: A Classificação Estatística Internacional de Doenças (CID), a Classificação Internacional de Funcionalidade (CIF) e o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM).

Desse modo, estudos afirmam que o TEA não tem uma causa exata, mas existe a interação de fatores genéticos e ambientais. Cunha enfatiza que:

[...] sabe-se que o autismo não advém dessa relação. Credita-se o comprometimento autista a alterações biológicas, hereditárias ou não. [...] A respeito das causas do autismo, ainda que não sejam satisfatoriamente conhecidas, alguns estudiosos acreditam que os fatores metabólicos decorrentes de alterações bioquímicas são, de certa forma, submetidos aos efeitos do ambiente e modificados por ele. [...]. (CUNHA, 2019, p.25)

As causas do Transtorno do Espectro Autista (TEA) envolvem uma interação complexa entre fatores genéticos e ambientais, que influenciam o desenvolvimento cerebral desde os primeiros estágios. Não existe uma causa única identificada, por exemplo, não há evidências científicas que associem o autismo às vacinas ou criação parental. Segundo o documento: “As Diretrizes de atenção à reabilitação da pessoa com Transtorno do Espectro do Autismo (BRASIL, 2014)”

Da década de 1970 em diante, os métodos de investigação da genética clínica/médica apontaram as principais evidências do envolvimento de fatores genéticos nesta condição: alta concordância em gêmeos monozigóticos, recorrência familiar maior do que a esperada pelas taxas de prevalência e comorbidade com diversas síndromes genéticas. Esse esforço, associado com a descrição de causas ambientais perinatais, propiciou a definição etiológica em cerca de 20% dos indivíduos com diagnóstico de TEA. (BRASIL, 2014, p. 57-58)

Dessa forma, os avanços nas investigações genéticas e a consideração de fatores ambientais perinatais foram fundamentais para ampliar a compreensão das causas do Transtorno do Espectro Autista. Logo, segundo o documento e a partir das investigações do

mesmo é possível compreender a origem do transtorno em cerca de 20% dos casos, o que representa um avanço significativo na compreensão do diagnóstico.

Além disso, os sintomas do TEA variam entre as pessoas, mas essas características envolvem dificuldades na comunicação, na interação social e a presença de comportamentos repetitivos. As características a seguir são baseadas no documento: “As Diretrizes de atenção à reabilitação da pessoa com Transtorno do Espectro do Autismo (BRASIL, 2014, p. 34)”.

<i>Fala e linguagem:</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Algumas crianças com TEA repetem palavras que acabaram de ouvir (ecolalia imediata). • Outras podem emitir falas ou slogans e vinhetas que ouviram na televisão sem sentido contextual (ecolalia tardia). • Podem apresentar características peculiares na entonação e no volume da voz...
<i>Interação social:</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Dificuldade de se aninhar no colo dos cuidadores. • Dificuldade de encontrar formas de expressar as diferentes preferências e vontades. • A capacidade de reconhecer e reagir às emoções, próprias e alheias, pode representar um desafio...
<i>Comportamento repetitivo:</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Movimentos motores estereotipados: flapping de mãos, “espremer-se”, correr de um lado para o outro... • Maior movimentação dos membros de um lado do corpo; dificuldades de rolamento na idade esperada.
<i>Sensibilidade sensorial:</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Hábito de cheirar e/ou lambem objetos • Insistência visual em objetos que têm luzes que piscam e/ou emitem

	<p>barulhos, bem como nas partes que giram</p> <ul style="list-style-type: none"> • Insistência Tátil: as crianças podem permanecer por muito tempo passando a mão sobre uma determinada textura...
--	--

Considerando as abordagens mencionadas, uma vez que o diagnóstico é definido e comunicado à família, inicia-se prontamente o processo de tratamento e de habilitação ou reabilitação. O projeto terapêutico deve ser elaborado com base no diagnóstico, na avaliação da equipe interdisciplinar e nas decisões da família. O tratamento do TEA é individualizado e envolve vários profissionais, com foco no desenvolvimento, autonomia e qualidade de vida da pessoa autista. Não existe cura, mas com acompanhamento adequado, é possível melhorar muito a qualidade de vida, o aprendizado e a autonomia do autista. O tratamento com a pessoa com TEA exige dedicação contínua da família, o que pode comprometer suas rotinas e bem-estar, tornando essencial oferecer apoio, escuta, orientação e cuidados específicos aos pais e cuidadores.

3. O PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA EM ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO

As práticas de leitura e escrita são essenciais na alfabetização e letramento, pois ultrapassam o aprendizado do código escrito. A leitura e a produção de textos marcam tanto o início quanto o desfecho do processo de aprendizagem. Enquanto a alfabetização trata da aquisição do sistema alfabético da escrita, o letramento consiste na capacidade de utilizar a leitura e a escrita de forma funcional e significativa em diversos contextos sociais. Para todos os indivíduos, as habilidades de leitura, escrita e compreensão são essenciais e muito importantes para uma vida em sociedade.

ALFABETIZAÇÃO	LETRAMENTO
<ul style="list-style-type: none"> • Relaciona-se ao processo de aprendizagem e ao domínio do código alfabético, ou seja, compreender as 	<ul style="list-style-type: none"> • Eleva-se a mera habilidade de codificar e decodificar letras e palavras, pois envolve o uso competente da linguagem escrita para compreender,

letras, seus sons e suas combinações para decodificar e codificar palavras.	interpretar e interagir de maneira significativa em contextos sociais diversos.
---	---

Diante das características citadas, percebe-se que alfabetização e letramento são processos diferentes, mas que caminham juntos, logo, essas etapas são feitas por fases, e tanto a alfabetização como o letramento são processos que iniciam ao longo da vida, ou seja, embora ambos os conceitos caminhem juntos, eles se desenvolvem separadamente em certas situações.

Soares defende as principais diferenças entre ambos.

[...] um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que saber ler e escrever, já o indivíduo letrado, indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita. (SOARES, 2003, p.39-40).

Ao longo da história, a alfabetização foi frequentemente reduzida ao ensino de técnicas mecânicas, ou seja, a técnicas de decodificação de códigos escritos, como o reconhecimento de letras e a formação de palavras. Contudo, com o avanço dos estudos sobre educação, teóricos passaram a compreendê-la sob uma perspectiva mais ampla e integradora. Nesse contexto, Magda Soares destaca que “o acesso inicial à língua escrita não se reduz a ‘ler’ e ‘escrever’ no sentido de grafar e decodificar, e sim aprender a fazer uso da leitura” (SOARES, 2009, p. 11). Essa visão rompe com a ideia fragmentada do passado, reconhecendo que a alfabetização não é apenas um processo técnico, mas também uma prática social, que envolve compreender e utilizar a escrita em situações reais de comunicação, desde os primeiros contatos com o universo letrado.

Diante disso, evidencia-se que a alfabetização e o letramento, embora apresente conceitos distintos, demandam uma articulação indissociável no processo educativo. Para que o estudante alcance uma alfabetização plena, não basta dominar a decodificação mecânica de letras e sons; é imprescindível que compreenda as funções sociais da escrita e saiba utilizá-la de maneira crítica em diferentes contextos. Assim, mais do que aprender a "ler" e "escrever" em seu sentido técnico, o aluno precisa desenvolver a capacidade de interagir com textos de forma autônoma, reconhecendo seus propósitos comunicativos e aplicando-os em situações

reais de seu cotidiano. Dessa forma, a aprendizagem transcende a mera reprodução de códigos, transformando-se em uma ferramenta de participação ativa no mundo letrado.

Para aprender a ler e escrever, os alunos precisam desenvolver conhecimentos sobre o sistema alfabético, a ortografia e o uso da escrita. É importante unir alfabetização e letramento, promovendo reflexões sobre as regras da escrita por meio da leitura e produção de textos. A leitura é uma atividade individual inserida em um contexto social, que envolve desde a decodificação da escrita até a compreensão e produção de sentido. Ela vai além da alfabetização básica, desenvolvendo capacidades que permitem ao aluno participar ativamente das práticas sociais de letramento. Além disso, o domínio da escrita envolve habilidades desenvolvidas tanto na alfabetização quanto no letramento, desde os primeiros registros alfabéticos e ortográficos até a produção autônoma de textos.

Ao relacionarmos a leitura e escrita no ensino de alunos com TEA encontramos muitos entraves que podem dificultar esse processo, alguns autistas apresentam grandes dificuldades de comunicação e cognição, enquanto outras demonstram autonomia na fala, leitura e interação social. Portanto, é essencial compreender que o ensino desses alunos requer uma abordagem adequada, por isso é fundamental que o professor possa observar e ter essa habilidade de se moldar e se adaptar para suprir as necessidades do aluno principalmente no ensino dessas habilidades básicas, como a leitura e a escrita.

A inclusão de alunos atípicos no processo de alfabetização, levanta uma importante reflexão: Todos os estudantes autistas conseguem desenvolver práticas de leituras e escritas? Quais métodos são trabalhados para esses alunos chegarem nesse processo de alfabetização?

O processo de leitura exige adaptações e metodologias específicas que considerem o tempo, o ritmo e o nível de desenvolvimento de cada aluno. Alunos que já se encontram no Ensino Fundamental, em geral, tiveram uma base metodológica voltada à leitura desde os primeiros anos da vida escolar. Nessa etapa, eles costumam ter uma noção inicial dos sons das letras e já se sentem familiarizados com o alfabeto, mesmo que de forma não sistematizada, o que facilita o início do processo fonológico. No entanto, no caso de alunos não verbais, o desenvolvimento da leitura tende a ocorrer de forma mais lenta e exige maior atenção por parte dos educadores. Esse processo deve contar com a atuação de uma equipe multidisciplinar, no qual, envolve a presença de vários profissionais da área.

3.1.Métodos de Leitura para alunos com autismo

O ensino de leitura para um aluno autista pode apresentar uma série de desafios, como foi mencionado no tópico anterior, alguns alunos enfrentam sérias limitações na comunicação e no desenvolvimento cognitivo, enquanto outros conseguem se expressar verbalmente com maior independência.

O desenvolvimento da leitura tem início na educação infantil para a maioria das pessoas. No entanto, para alunos com transtornos, esse processo pode ocorrer de forma mais lenta e apresentar atrasos. Quando essas etapas iniciais não são plenamente consolidadas na infância, a aprendizagem da leitura na juventude ou na vida adulta tende a ser mais desafiadora.

Segundo Gomes:

Leitura é uma habilidade complexa que envolve uma série de aspectos e etapas que devem ser ensinados um a um em pequenos passos. O ensino desses passos deve ser gradativo e sistemático, começando das habilidades mais simples até as mais complexas. Outro aspecto importante sobre o ensino de leitura para pessoas com autismo é que os procedimentos devem focar tanto no ensino de leitura oral quanto no ensino de leitura com compreensão. (GOMES, 2015, p.29)

Para alcançar e desenvolver a habilidade da leitura, são utilizados diversos métodos. Um deles é o chamado método fônico. Que é uma forma que relaciona cada letra(grafema) ao seu som (fonema). O método utiliza não apenas o reconhecimento das letras, mas também a associação de cada uma aos seus respectivos sons.

Quando a criança ouve, ela recebe ondas sonoras que serão processadas, juntando-se a outras informações advindas dos sistemas vestibular, visual e proprioceptivo; a integração sensorial de qualidade de todas essas informações gera uma resposta adaptativa. (BACARO, 2020, pag. 65)

De acordo com Bacaro (2020), trabalhar a sonorização das letras facilita a assimilação, pois os sons são mais facilmente processados e memorizados pelo cérebro. Por isso, o método fônico mostra-se eficaz na aprendizagem de alunos com autismo. Esse método deve ser visual, concreto, repetitivo e ter significado, garantindo que no final essa metodologia entre palavra e som seja clara para aquele aluno.

3.2.Métodos de Escrita para alunos com autismo

Em uma de suas obras, a escritora Magda Soares enfatiza que toda criança é capaz de aprender a ler e escrever, desde que sejam oferecidos métodos adequados para os níveis de

aprendizagem que cada aluno encontra-se. O método fônico continua sendo eficaz ao uso da escrita. Pois, o aluno primeiro escuta o som, permitindo que associe cada som à sua representação gráfica, em seguida registra o mesmo em um papel.

Para facilitar a compreensão do funcionamento do método fônico, apresenta-se o quadro a seguir

1. Escuta → 2. Associação → 3. Registro

1. ESCUTA: O aluno escuta os sons da língua (ex: o som /DAS VOGAIS/).

2. ASSOCIAÇÃO: Ela associa esse som às letra "A, E I, O, U".

3. REGISTRO: Ela escreve as letras no papel, representando o som que ouviu.

FONTE: QUADRO ELABORADO PELAS AUTORAS EM 2025

Com esse método o discente consegue seguir seu treinamento na escrita e desenvolver essa habilidade de forma significativa.

Soares destaca que o aluno:

[...]aprende que a palavra oral é uma cadeia sonora independente de seu significado, passível de ser segmentada em unidades; aprende ainda que cada uma dessas pequenas unidades sonoras da palavra é representada por formas visuais específicas – as letras. (SOARES, 2020, p. 43).

Mais um exemplo de método eficaz que ajuda no desenvolvimento das habilidades desses alunos é o método da boquinha, desenvolvido por uma fonoaudióloga. Esse método é idêntico ao método fônico, e foi desenvolvido também com a finalidade de aprimorar a leitura e escrita em crianças que apresentam distúrbios de aprendizagens.



<https://fonoeducar.blogspot.com/2014/05/o-que-e-metodo-fonico.html>

Fica evidente que o método fônico desempenha um papel fundamental no processo de escrita de alunos atípicos. Essa abordagem possibilita o desenvolvimento da alfabetização mesmo diante de limitações.

4. METODOLOGIA¹

A condução desta pesquisa de abordagem qualitativa tem como propósito analisar de forma aprofundada o processo de leitura e escrita de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ambiente escolar. Para tanto, serão considerados elementos fundamentais que nortearão a aplicação do método investigativo, com foco na compreensão das práticas pedagógicas e das estratégias adotadas no ensino voltado a esses estudantes. Essa abordagem demanda uma pesquisa de campo com observação e investigação sobre esses processos metodológicos no ensino regular, com o objetivo de conhecer de perto quais são os principais desafios na alfabetização, levando em conta a Leitura e escrita, e sobretudo as práticas pedagógicas utilizadas no ensino das habilidades básicas para alunos com TEA.

Para a realização da pesquisa e posterior coleta de dados, foi aplicado uma entrevista exclusivamente destinada aos docentes da instituição. A pesquisa tem como objetivo principal investigar e observar quais estratégias são utilizadas para a aquisição da leitura e escrita para alunos com TEA em uma escola da rede estadual de Abaetetuba. A investigação será realizada de forma que permita uma análise do ensino desses alunos, sendo a escola escolhida a mesma em que foi realizado o último estágio do curso. A coleta de dados envolverá observação e entrevista dos alunos atípicos, entrevistas com professores, e também será observada a aplicação de metodologias ativas no cotidiano escolar, identificando aquelas que realmente são implementadas na prática e que envolvem os alunos de forma participativa no processo de aprendizagem. Por fim, será analisada a forma como ocorre a avaliação desses alunos, considerando os métodos e abordagens utilizados pelos profissionais, com atenção especial às estratégias adaptadas às necessidades individuais dos estudantes.

Destaca-se a importância da capacitação contínua dos profissionais da educação para garantir um ensino inclusivo e de qualidade. As capacitações e formações dos profissionais são essenciais para assegurar uma abordagem inclusiva no processo de Leitura e Escrita de todos os alunos. Para atingir o objetivo de promover uma educação de qualidade, é crucial que esses educadores não apenas possuam um preparo adequado, mas também participem de

¹ A escola escolhida para aplicação da pesquisa de campo optou por não ter sua imagem identificada. No entanto, autorizou a realização da nossa pesquisa, contribuindo assim para o desenvolvimento desse trabalho.

treinamentos contínuos. Isso garante que estejam sempre atualizados e prontos para adaptar suas práticas pedagógicas às necessidades específicas dos alunos atípicos, proporcionando um aprendizado efetivo e inclusivo.

Figueiredo enfatiza que:

O objetivo principal dessa metodologia é ensinar comportamentos e habilidades aos indivíduos com dificuldades para que eles se tornem independentes e inseridos na comunidade. Para que isso seja possível, os profissionais utilizam técnicas para o desenvolvimento da comunicação, das habilidades sociais, de brincadeira, acadêmicas e de autocuidados (FIGUEIREDO, 2014, p. 48).

As estratégias e metodologias para o ensino do aluno autista (TEA), vem sendo muito estudado ao longo dos anos e dentre os muitos questionamentos estão: “Qual método de relatório e intervenções deve ser desenvolvido para esses alunos?”. Nessa perspectiva Chizzotti (2003), retrata que apenas os métodos de análise convencionais não são suficientes para compreender a experiência humana, ou seja, os métodos tradicionais não são suficientes para o ensino de um aluno atípico. Logo, cabe aos educadores buscar métodos, e compreender a realidade de vida de cada estudante, levando um ensino personalizado e individual ao seu padrão de vida.

Esse estudo tem o início de sua análise a autora Magda Soares que foca no contexto de alfabetização, onde destaca a importância de compreender a alfabetização não apenas como a decodificação de letras e sons, mas com a habilidade de usar a leitura e escrita em diversos contextos sociais. Além da contribuição da autora Magda Soares, também serão abordadas as análises e os pensamentos de Paulo Freire, que propõe uma metodologia próxima à defendida por Soares. Para Freire, ensinar não é simplesmente repassar conteúdos prontos, mas sim trabalhar a partir da realidade de vida de cada indivíduo, valorizando suas experiências e contexto. Esses estudos serão discutidos com foco em como podem ser aplicados no cotidiano escolar, especialmente no processo de aprendizagem dos alunos. Para o entendimento acerca do TEA, este trabalho contou com o apoio do Guia completo para entender o Transtorno do Espectro Autista, de autoria da escritora Mayara Gaiato.

Portanto, Como revisão bibliográfica, realizamos consultas em artigos, revistas e livros, a fim de identificar produções relevantes relacionadas à temática deste objeto de estudo.

5. PESQUISA QUALITATIVA: INVESTIGANDO AS PRATICAS DE LEITURA E ESCRITA NA ESCOLA

A escola deve ser um ambiente acolhedor para todos os que a frequentam, promovendo inclusão e respeito às diferenças. Conforme a educação avança, também é necessário promover práticas que possam incluir todos os alunos nas aulas, principalmente estudantes público-alvo da educação especial. Diante dessas teorias apresentadas, o trabalho contou com a realização de uma pesquisa de observação e investigação em uma escola da rede estadual de Abaetetuba, com o objetivo de identificar as necessidades específicas desses alunos e como os profissionais podem aplicar metodologias para promover uma aprendizagem inclusiva. Nesse processo, destaca-se a importância das práticas de leitura e escrita como ferramentas fundamentais para o desenvolvimento educacional, trazendo para o ensino desses estudantes não apenas a alfabetização, mas também o fortalecimento de suas habilidades comunicativas e cognitivas. Diante das pesquisas, os profissionais destacam que ler e escrever não deve ser visto apenas como uma “obrigação” ou “cumprimento do currículo escolar”, mas como uma prática essencial para a vida dos alunos em sociedade, mostrando a eles a real importância dessas habilidades no seu cotidiano.

A ideia também é defendida pela escritora Magda Soares:

A alfabetização desenvolve-se no contexto por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver no contexto por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização. (SOARES, 2004, p. 14)

Soares defende a ideia que aprender a ler e a escrever deve ir além do simples domínio técnico dessas habilidades, deve ser algo crítico e significativo, com impacto na vida das pessoas, ou seja, alfabetizar não é só ensinar a decodificar palavras, mas formar cidadãos críticos, conscientes e capazes de agir no mundo. Assim, ensinar as práticas de leitura e escrita para alunos com TEA, não é apenas decodificar palavras, mas formar sujeitos que serão capazes de interagir com o mundo à sua maneira. As professoras entrevistadas abordaram de que forma ocorre o processo de ensinar um aluno atípico que está no ensino fundamental, a ler:

“[...]É um processo que precisa ser individualizado, estruturado e muito paciente. O primeiro passo é conhecer bem esse aluno, quais são seus interesses, como ele se comunica melhor e em que etapa da alfabetização ele se encontra. [...]Nas minhas práticas eu costumo trabalhar com etapas. Começo pelo nome próprio: Muitos alunos se interessam em reconhecer e escrever o próprio nome. Isso gera motivação e faz com que associem letras a algo significativo. [...] Uso de recursos visuais, esse apoio visual é fundamental porque facilita a associação entre imagem, letra e som. [...]” (PROFESSORA 1, 2025).

Freire define leitura como o ato de perceber e atribuir significados por meio de uma conjunção de fatores pessoais com o momento e o lugar, com as circunstâncias. Ler é interpretar uma percepção sob as influências de determinado contexto. Esse processo leva o indivíduo a uma compreensão particular da realidade (Freire, 2006, p. 22).

Na perspectiva de Freire, ler é compreender, interpretar e relacionar as ideias transmitidas pelo autor por meio da escrita. Assim, a alfabetização de um aluno autista deve ser um processo individualizado, estruturado e conduzido com paciência. Embora a leitura e a escrita possam parecer habilidades naturais para muitos, para um aprendiz atípico elas podem exigir uma série de adaptações, e apoios específicos. Dessa forma, as professoras entrevistadas relataram como ocorre em suas aulas o processo de escrita de um aluno autista.

“[...]Aparecem em diferentes níveis e de formas variadas, mas algumas situações são bastante comuns, como a atenção e resistência. Como a escrita exige concentração e esforço motor, é comum que eles se cansem rápido ou resistam à atividade. [...] Sensibilidade sensorial, pois o barulho da sala, o tipo de papel ou até o toque do lápis podem gerar incomodo e atrapalhar o desempenho. Também, mesmo quando já dominam as letras, têm dificuldade em aplicar regras ortográficas, como uso de maiúsculas, pontuação e acentuação. [...]” (PROFESSORA 2, 2025).

O processo de atividades para esses alunos atípicos ocorre em diferentes metodologias, levando em conta o nível de alfabetização desse aluno. Para isso, observa-se o relato de duas professoras para esse processo de atividades, as docentes serão mencionadas como professoras A e B.

Professora A relata que em sua sala de aula, as atividades de leitura e escrita para os alunos autistas acontecem de forma adaptada, sempre respeitando o ritmo e as particularidades de cada um. Na leitura, ela usa muito recursos visuais: livros com ilustrações grandes, textos

curtos, pictogramas e até cartões com palavras-chave acompanhadas de imagens. Já na escrita, adapta as propostas para diferentes níveis. Alguns alunos conseguem escrever palavras simples, outros precisam de apoio com letras móveis, jogos de encaixe ou até mesmo atividades no computador. De forma geral, o que ela considera mais importante é dividir as tarefas em pequenos passos, respeitar o tempo da criança e valorizar cada avanço com muitos elogios.

A professora B relata que sempre começa observando quais são os interesses do educando, porque isso faz toda diferença para o engajamento. Por exemplo, se o aluno gosta de animais, ela busca levar livros, imagens e atividades que tenham esse tema. Ela relata que utiliza muitos recursos didáticos e pedagógicos que traz de sua casa, pois ainda é precário ter esses recursos na escola. Também, a motivação faz parte da metodologia dela, sempre é comemorado cada pequena conquista e avanço. Dessa forma, observa-se que tanto a professora A quanto a B utilizam a mesma metodologia, que é praticar a leitura e escrita de acordo com o ritmo, nível e aprendizado desses alunos, sempre respeitando seus limites para que seja uma alfabetização de sucesso. Sobre esses aspectos Cunha (2019), observa que:

Ainda que o aluno não aprenda perfeitamente o que se busca ensinar, ele trabalhará sempre a interação, a comunicação, a cognição e os movimentos. Haverá conquistas e erros, muitas vezes mais erros do que conquistas, mas o trabalho jamais será em vão. O afeto é de primordial valor na dinâmica e na superação de dificuldades. (CUNHA, 2019, p.59)

Dando continuidade às pesquisas com as docentes, passamos agora a discutir um de nossos objetivos específicos: os principais desafios no processo de ensino de alunos atípicos em escolas públicas. Uma das professoras relatou as principais dificuldades para ensinar o aluno com TEA a ler e escrever dentro de uma escola pública:

“Na escola pública, onde temos turmas cheias e poucos recursos, é um grande desafio conseguir dar essa atenção personalizada todos os dias. Outro ponto é a falta de materiais específicos. Muitas vezes não temos livros adaptados, recursos visuais ou tecnológicos que poderiam facilitar o processo. Isso nos obriga a criar, com o que temos em mãos, atividades que atendam às necessidades desses alunos.” (PROFESSORA 1, 2025).

O ensino de alunos atípicos na escola pública enfrenta grandes obstáculos devido à superlotação das salas, falta de recursos e necessidade de adaptações que muitas vezes dependem exclusivamente de cada professor. Os recursos como relatado, são essenciais para o

desenvolvimento dos alunos, sobretudo na fase da alfabetização, sendo assim, é papel da escola disponibilizar ferramentas que auxiliem os professores nesse processo.

Segundo Brites & Brites:

A escola deve buscar materiais variados para embasar as práticas pedagógicas, uma vez que pode receber em seu grupo de alunos os mais diversos tipos de pessoas com autismo, deve, inclusive, estar preparadas para o eventual uso de tecnologia digital para determinadas aprendizagens nos autistas que precisam de recursos para alavancar a memorização e a motivação. (BRITES, L; BRITES, C., 2019, p. 41)

Portanto, a leitura e a escrita, mais do que cumprir o currículo, são vistas como ferramentas essenciais para o desenvolvimento cognitivo, comunicativo e social desses alunos que tem o diagnóstico de TEA. Dessa maneira, cabe a escola investir em formação, recursos e apoio contínuo aos professores para garantir uma alfabetização inclusiva e significativa. A falta de recursos é um ponto pertinente, as escolas enfrentam limitações de recursos, como materiais didáticos adaptados e suportes especializados. Por outro lado, observa-se que as escolas estão sempre em busca de inclusão e conscientização para os demais órgãos, onde, a inclusão de alunos autistas pode aumentar e sensibilizar órgãos competentes a encaminharem recursos para as instituições desenvolver um ensino de aprendizagem, favorecendo a independência, o aprimoramento de capacidades, a interação comunicativa e a formação para a vida futura.

5.1. Captando a Voz do Público-Alvo

Diante da pesquisa para esse trabalho, foram coletados relatos de uma pessoa do público alvo, ou seja, aluno da instituição que tem o diagnóstico do TEA. O mesmo apresentou vários aspectos de sua vivência, tanto dentro, como fora do contexto escolar. Aspectos esses que levam desde o processo do diagnóstico, ao processo de aceitação e quais foram as dificuldades e persistências para se tornar indivíduo alfabetizado e também letrado diante da sociedade.

Após diálogo com a profissional que acompanha a turma do aluno em questão, foi possível identificar diversas etapas percorridas por alunos com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) desde a infância até alcançar, na atualidade, a condição de indivíduo alfabetizado e letrado. Em decorrência disso, esse transtorno afeta significativamente as áreas da socialização, da comunicação e do comportamento, no qual são domínios fundamentais para o desenvolvimento humano.

O quadro a seguir apresenta dados coletados de um aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA) que, atualmente, é considerado um indivíduo alfabetizado e letrado. No processo de alfabetização, o aluno apresentou um tempo de aprendizagem mais prolongado, com início ainda na Educação Infantil e estendendo-se até os anos finais do Ensino Fundamental.

PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	
IDADE DE DIAGNOSTICO:	<ul style="list-style-type: none"> • 4/5 Anos
QUAIS OS PRIMEIROS SINAIS:	<ul style="list-style-type: none"> • Fala atrasada para idade • Dificuldade em entender e usar a linguagem • Uso repetitivo da linguagem
PROCESSO SINTÉTICOS	<ul style="list-style-type: none"> • Depois do diagnóstico iniciou o tratamento e com o passar do tempo a criança entrou no processo alfabético, isso facilitando a etapa de aprender as letras. • Depois entrou no processo fônico, no qual desenvolveu e aprendeu os sons das letras, assim já formando palavras simples.
PROCESSO ANALÍTICO	<ul style="list-style-type: none"> • A criança passou a ler palavras inteiras, reconhecendo e identificando os sons que as constituem.
CONSCIÊNCIA FONÊMICA	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolveu a habilidade de identificar e manipular os sons que compõem as palavras, o que foi essencial para o avanço no processo.
DECODIFICAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> • Alcançou a leitura de palavras a partir da correspondência entre os fonemas e os grafemas

O processo de alfabetização de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado por etapas distintas que refletem entre si tanto os desafios quanto as conquistas ao longo do desenvolvimento do aluno. No caso analisado, o diagnóstico precoce, aos 4 ou 5 anos, foi fundamental para o início de intervenções adequadas. Os primeiros sinais, como a fala atrasada e a dificuldade em compreender e usar a linguagem, são comuns nesse público e exigem uma abordagem sensível e personalizada. Com o início do tratamento, a criança progrediu para o processo alfabético, facilitando a aprendizagem das letras.

A transição para o método fônico, onde os sons das letras foram introduzidos, permitiu a formação de palavras simples e representou um avanço significativo. A leitura de palavras inteiras e a capacidade de reconhecer os sons que as constituem foram marcos importantes, evidenciando a evolução no processo analítico. Além disso, o desenvolvimento da consciência fonêmica foi crucial, pois possibilitou à criança identificar e manipular os sons, um passo essencial para a decodificação e a leitura efetiva. Essa trajetória ressalta a importância de intervenções direcionadas e do apoio contínuo para promover a alfabetização em alunos com TEA, destacando que cada conquista é um reflexo do potencial desses estudantes quando recebem a atenção necessária.

Após a análise estrutural, pedagógica e multidisciplinar da Escola-alvo, pudemos dar início a análise e conversa com um aluno público alvo da pesquisa. O aluno mencionado (mantendo sua identidade preservada), é um aluno autista, que estuda na escola onde foi realizado a pesquisa de campo, discente do Ensino Médio, um aluno ativo, participativo, verbal, que gosta da Língua Portuguesa, e que tem a honra de contar suas experiências de vida diante do diagnóstico do TEA.

No começo do relato foi feita uma pergunta para o aluno, a qual abriu portas para diversos fins dessa pesquisa. Para chegar nessa pergunta foi feita uma boa conversa, trocas de conhecimento e também um debate sobre Educação inclusiva e Educação Especial.

As entrevistadoras perguntaram para o aluno como ele se sentia dentro da escola no ano letivo de 2025 quanto ao processo de inclusão?

“No início foi difícil e complicado, hoje ainda é. Me sinto acolhido somente pelos professores e poucos alunos, ainda é quase sempre fazem piada comigo, isso faz com que eu não sinta vontade de estudar. Nesse ano melhorou um pouquinho o comportamento de alguns, mas mesmo assim, ainda sou constrangido, a escola não é totalmente inclusiva por partes dos alunos.”

Na escola, o aluno com autismo se encontra dentro das ações previstas para crianças e adolescentes portadores de Necessidades Educacionais Especiais (NEE), que, além de ter a aprendizagem como meta a ser alcançada, traz em sua proposta a integração desses estudantes com os alunos típicos, para que estes saibam respeitar as limitações de quem tem autismo e favorecer sua presença na escola, interagindo com eles, protegendo-os de momentos socialmente críticos, desenvolvendo empatia e criando uma nova cultura. (BRITES, L; BRITES, C., 2019, p. 165)

Em seguida foi questionado para o aluno como ocorria o processo de ensino? As atividades como eram realizadas? E quais eram as dificuldades com leituras, escritas e compreensão de textos?

“Eu gosto de ler, escrever e aprender. Os meus professores me ajudam muito, principalmente quando tenho dificuldades para entender algum assunto. As professoras do AEE foram as principais pessoas por fazerem eu não desistir dos meus estudos, me ajudam a persistir sempre. Eu sei ler, consigo compreender textos e fazer interpretações deles, mas antes não era assim, eu tinha muita dificuldade para ler, e para compreender os textos, os professores faziam atividades adaptadas para o que eu conseguia fazer, depois com muita persistência, principalmente das professoras do AEE, eu consigo ler bastante, e fazer as interpretações, não preciso mais de atividades adaptadas, eu faço a mesma tarefa que os demais colegas da turma.”

Para essas análises, Bacaro enfatiza que:

[...] não é a atividade que promove o desenvolvimento e, sim, a mediação do professor que possui a sensibilidade e o conhecimento científico, ou seja, que tem entendimento suficiente para elaborar estratégias e atividades pedagógicas direcionadas ao atendimento das necessidades da criança com TEA. (BACARO, 2020, pag. 143)

O relato do aluno mostra uma etapa de transposição que o estudante teve no processo de ensino das habilidades de leitura e escrita, deixando a margem o quanto é considerável nesse processo ter de forma contínua o apoio de profissionais especializados dentro do ambiente escolar e do quanto se torna necessário nesse processo a adaptação curricular. Sua força de vontade de aprender, juntamente ao suporte recebido das professoras profissionais do Atendimento Educacional Especializado (AEE), não apenas proporcionou o aprendizado dessas habilidades fundamentais de leitura e escrita, mas proporcionou ao aluno firmeza e fez com que

ele sentisse uma confiança crescente em suas capacidades e acreditasse que ele também é capaz de aprender e se desenvolver como os demais alunos.

A transição de um aluno que antes enfrentava dificuldades significativas para um estudante que agora realiza as mesmas tarefas que seus colegas é um relato extremamente necessário e poderoso que reflete a eficácia de abordagens inclusivas. Esse processo não apenas promoveu a alfabetização, mas também fortaleceu sua resiliência e motivação, enfatizando que, com o ambiente certo e a orientação adequada, todos os alunos têm o potencial. Essa experiência enfatiza a necessidade de uma educação que valorize a diversidade existente no meio educacional e reconheça a singularidade de cada aluno, promovendo um espaço onde todos possam se sentir valorizados e capazes de alcançar seus objetivos.

6. CONCLUSÃO

A pesquisa realizada na escola sobre as práticas de leitura e escrita em alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) proporcionou clareza e possibilitou valioso conhecimento sobre os desafios diários enfrentados por esses estudantes. Os dados que foram coletados durante a pesquisa de campo e posterior entrevista tanto com a professora como com o aluno, destacaram a importância de se ter um ambiente educacional inclusivo e adaptado, que respeite as diferenças e limitações de cada aluno.

Os relatos da docente e do aluno alvo da pesquisa enfatiza que, mesmo que ainda existam dificuldades no ensino e na inclusão desses alunos e a posterior falta de recursos juntamente com a necessidade de formação contínua desses profissionais da educação, há um vasto potencial para que se possa promover um aprendizado satisfatório. Os métodos de ensino que abrangem metodologias participativas e focam nos estudantes e sua posterior adaptação, mostraram-se de suma importância para que ocorra de forma eficiente a alfabetização, fazendo com que o aluno autista consiga absorver de maneira abrangente e significativa as práticas de leitura e escrita para seu nível de aprendizagem, permitindo que os alunos com TEA potencializem de forma expressivamente seus conhecimentos.

Além disso, a pesquisa ressaltou a importância da colaboração entre escola e família e a sociedade em geral, evidenciando também que a comunicação entre todos esses setores juntamente com o apoio mútuo entre elas são extremamente importantes para que haja a inclusão de maneira eficiente. A conscientização sobre o TEA, tanto entre educadores quanto entre os colegas de classe é uma temática de suma importância de se elencar, pois contribui para

um ambiente mais acolhedor e com mais empatia, onde todos os alunos podem aprender e conviver de forma harmônica.

Assim, conclui-se que a prática de leitura e escrita não deve ser vista somente como um mero objetivo acadêmico, mas sim como um direito fundamental a todos e que promova a inclusão e a participação contínua e plena dos alunos com TEA na sociedade em geral. A construção de um ambiente escolar e acolhedor que valorize a diversidade e promova a inclusão é determinante para assegurar que todos os estudantes possam se desenvolver plenamente, construindo para uma sociedade mais justa e igualitária.

REFERÊNCIAS

BACARO, Paula Edicléia França. TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO E INTEGRAÇÃO SENSORIAL: O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E ESCRITA EM UMA ABORDAGEM RESPONSIVA DE APRENDIZAGEM. 152 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Nerli Nonato Ribeiro Mori. Maringá, 2020.

BRASIL, Estatuto da criança e do adolescente – ECA. Brasília, Distrito Federal: Senado, 1990.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1988.

BRITES, Luciana; BRITES, D.r Clay. Mentas Únicas: Aprenda como descobrir, entender e estimular uma pessoa com autismo e desenvolva suas habilidades impulsionando seu potencial. São Paulo: Gente, 2019.

CUNHA, Eugênio. Autismo e inclusão: psicopedagogia práticas educativas na escola e na família. 4. ed. Rio de Janeiro: Wak Ed, 2012.

CUNHA, Eugênio. Autismo e Inclusão: Psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. Rio de Janeiro: Wak, 2019.

FREIRE, Paulo. Educação como prática de liberdade. São Paulo: Paz e Terra, 1977.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 46^a ed. São Paulo: Cortez, 2006.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 86. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023. 256 p.

FERREIRA, MAYRA. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO (TEA). REVISTA AMOR MUNDI | SANTO ÂNGELO | V. 2 | N. 4 | P. 45-56 | ABR. 2021. DISPONÍVEL:<>. ACESSO EM: 10/04/2024

GAIATO, Mayra. S.O.S. autismo: Guia completo para entender o Transtorno do Espectro Autista. São Paulo: Versos, 2018.

PRADO, Danda. O que é família. São Paulo: Brasiliense, 1981

SANTOS, Luana Rocha dos; TONIOSSO, José Pedro. A importância da relação família- escola. Cadernos de Educação. Ensino e Sociedade, Bebedouro-SP, v. 1, n. 1, p. 122-134, 2014.

SOARES, M. B. Letrar é mais que alfabetizar. Jornal do Brasil, 26 nov. 2000.

SOARES, Magda. **Alfaletrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020. 352 p.

VALENTE, Pablo. Conhecendo o Autismo: Sua origem, história e características. CenATCursos Blog, s.d. Disponível em: <https://blog.cenatcursos.com.br/conhecendo-o-autismo-sua-origem-historia-e-caracteristicas/> Acesso em: 16 ago. 2025 às 18:22.